

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

O Estado de São Paulo

Class.:

Data:

13.03.79

Pg.:

Índios tentam ver Geisel e depois brigam na Funai

Da sucursal de
BRASÍLIA

Uma discussão nervosa com os agentes de segurança do Palácio do Planalto, quando até borduna deixou de ser peça de artesanato para transformar-se em objeto de ameaça, e uma reunião tumultuada com o general Ismarth de Araújo Oliveira, presidente da Funai, que chegou a ser chamado de mentirosos, foram dois incidentes enfrentados ontem pelos índios xavantes que se encontram em Brasília.

A discussão com os homens da segurança teve início quando os caciques Mário Juruna e Aniceto, liderando um grupo de 20 índios, foram impedidos de se encontrar com o presidente Geisel, a quem queriam entregar um cocar em reconhecimento pela demarcação das terras indígenas. Alegando calor e cansaço, e contrariando as recomendações, atravessaram a praça dos Três Poderes e foram postar-se à sombra, ao lado da porta principal do Palácio. Com o passar do tempo, os índios foram se irritando e um deles, de borduna na mão, chegou a ameaçar os fotógrafos que registravam o incidente.

Sem saber o que fazer, os homens da segurança viram o problema se agravar quando o cacique Juruna ameaçou e efetivamente entrou para esperar o presidente no saguão do Palácio, no que foi seguido por Aniceto. Ao mesmo tempo, um dos agentes era repreendido por um índio: "Não fale assim com o chefe, não. Fale com respeito..."

O clima se tornava cada vez mais tenso, até que todos viram a bandeira presidencial ser arriada: era sinal de que Geisel acabava de deixar o Palácio, embora num horário incomum. Eram pouco mais de 10 horas e o presidente normalmente sai ao meio-dia. No Planalto, ninguém informou porque Geisel saiu mais cedo.

MENTIROSO

A tarde, e se mostrando tão exaltados que os funcionários da Funai ficaram preocupados, os líderes xavantes reuniram-se com o general Ismarth de Araújo Oliveira, com a finalidade de discutir a demissão do antropólogo Cláudio Romero da dire-

ção do Projeto Xavantes. Ao justificar a medida, sob a alegação de que Cláudio havia cometido irregularidades na prestação de contas, o general Ismarth foi chamado de mentiroso pelo cacique Mário Juruna, que aproveitou a oportunidade para acusar diversos funcionários da Funai de "traidores secretos, que trabalham não por gostar dos índios, mas para ganhar dinheiro".

O general Ismarth de Araújo Oliveira ameaçou acabar com a reunião e os índios então denunciaram diretamente os funcionários Getúlio Barreto, Laia Matta Rodrigues e J. Quirino de terem vendido ilegalmente terras indígenas para fazendeiros. Mesmo após o presidente da Funai ter explicado que corria um inquerito na Polícia Federal para apurar as acusações, o cacique Aniceto não se convenceu e leu uma carta pedindo o afastamento não só daqueles funcionários — envolvidos na demarcação irregular da reserva indígena Xavante de Pimentel Barbosa —, mas de outros sete, dos quais revelaram os nomes de três: do chefe do Departamento Geral de Administração, José de Aguiar; do superintendente João Crisóstomo; e do professor Hélio Rocha, do Departamento Geral de Planejamento Comunitário; os outros quatro são funcionários menos graduados. Por fim, acrescentou Aniceto: "E também não precisa ficar na Funai o general Demócrito de Oliveira, da Coordenação da Amazônia, pois ele não é bom para os índios e entrega as nossas terras para os fazendeiros".

O cacique Mário Juruna, por sua vez, também apresentou outra carta, esta dirigida ao futuro presidente da Funai, Ademar Ribeiro da Silva, denunciando irregularidades no órgão. "Se você é mesmo bom e honesto, você tem que ter coragem para varrer esta gente que não presta", diz trecho da carta, que conclui com uma ameaça: "se você não prestar, vou lutar contra você".

Ainda à tarde, os índios Xavantes estiveram no Congresso Nacional, onde foram recebidos pelo líder do MDB no Senado, Paulo Brossard, e pelo presidente do Senado, Luís Viana Filho.